

A ANÁLISE DO CONTO “A MENOR MULHER DO MUNDO” DE CLARICE LISPECTOR: CONTEÚDO E FORMA NO MATERIALISMO DIALÉTICO

THE ANALYSIS OF THE TALE “THE LITTLE WOMAN OF THE WORLD” BY CLARICE LISPECTOR: CONTENT AND FORM OF DIALECTICAL MATERIALISM

Andressa Cristina Molinari¹

Ana Claudia Bazé de Lima²

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto³

Daniele Aparecida Russo⁴

Rosângela Miola Galvão de Oliveira⁵

Sandra Aparecida Pires Franco⁶

RESUMO: O objetivo do texto é analisar o conto “A menor mulher do mundo” de Clarice Lispector sob a vertente do Materialismo Histórico e Dialético, em específico, as características do feminino no conto e sua relação com a categoria dialética conteúdo e forma. A Literatura em seu processo histórico-social demonstra por meio de suas personagens as transformações sociais de pensamentos, comportamentos, que refletem os anseios e as necessidades da sociedade em momentos pontuais. Na literatura brasileira esse processo também ocorre e pode servir de alicerce histórico e social ao leitor. No caso das personagens femininas, as transformações podem evidenciar o caráter discriminatório sofrido pela figura da mulher em diferentes âmbitos: social, político, religioso, cultural, psicológico, econômico, histórico. A análise do conto busca evidenciar o papel social da mulher no contexto de produção da narrativa, tendo como parâmetro o método dialético de Marx, cuja transformação da realidade prima pela compreensão da totalidade na qual está inserido o conto e suas inter-relações com a produção da personagem de Clarice Lispector. Para tanto, primeiro, faz-se necessária a compreensão dos conceitos de conteúdo e forma na perspectiva do materialismo histórico e dialético para o real entendimento do conto que se apresenta escrito na língua portuguesa e na inglesa. Em segundo, a apresentação do contexto histórico e social de produção da história. Para em terceiro, analisar o papel feminino no conto da personagem principal, articulando os conceitos de

¹ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação pela UEL, (PR). Professora colaboradora na mesma Universidade no curso de Letras-Inglês e professora da Rede Básica de ensino. dessinha_molinari@hotmail.com

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação pela UNESP FFC- Marília (SP). anabazetl@hotmail.com

³ Livre-Docente em Leitura e Escrita. Professora na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação pela UNESP FFC- Marília (SP). cyntiaunespmarilia@gmail.com

⁴ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação pela UNESP FFC- Marília (SP). danirusso1@hotmail.com

⁵ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UEL. rmgalvao2012letras@gmail.com

⁶ Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEL. sandrafranco26@hotmail.com

<http://doi.org/10.33027/2447-780X.2018.v4.n1.06.p65>

conteúdo e de forma, em comparação com a tradução de trechos da obra em inglês. A análise do conto nessa perspectiva teórica proporciona ao leitor o entendimento dos conceitos de conteúdo e forma, de maneira que se evidencia a importância do contexto histórico e social de produção para a compreensão da essência do conto. Percebe-se pela análise do feminino, que apesar das conquistas sociais atuais da mulher no país, ainda encontramos-nos subjugadas ao papel subalterno e coadjuvante no que concerne à transformação social, e, estando a margem do processo, nos cabe apenas a imagem romântica de símbolo de amor incondicional.

PALAVRAS-CHAVE: Conteúdo e forma, Feminino, Materialismo histórico e dialético.

ABSTRACT: The purpose of the text is to analyze the tale “The Lesser Woman of the World” by Clarice Lispector under the heading of Historical and Dialectical Materialism, specifically, the characteristics of the feminine in the tale and its relation to the dialectical category content and form. Literature in its historical-social process demonstrates through its characters the social transformations of thoughts, behaviors, which reflect the yearnings and needs of society in specific moments. In Brazilian literature this process also occurs and can serve as a historical and social foundation for the reader. In the case of the female characters, the transformations can show the discriminatory character suffered by the woman in different spheres: social, political, religious, cultural, psychological, economic, historical. The analysis of the story seeks to highlight the social role of women in the context of the production of the narrative, having as a parameter the dialectical method of Marx, whose transformation of reality excels by the comprehension of the totality in which the tale is inserted and its interrelations with production the character of Clarice Lispector. First, it is necessary to understand the concepts of content and form in the perspective of historical and dialectical materialism for the real understanding of the story that is written in Portuguese and English. Second, the presentation of the historical and social context of production of history. Thirdly, to analyze the female role in the tale of the main character, articulating the concepts of content and form, compared to the translation of excerpts from the work in English. The analysis of the story in this theoretical perspective gives the reader the understanding of the concepts of content and form, in a way that shows the importance of the historical and social context of production for the understanding of the essence of the story. We can see from the analysis of the feminine that, despite the current social achievements of women in the country, we still find ourselves subjugated to the subordinate and supporting role in social transformation, and being the margin of the process, we only have the romantic image of unconditional love symbol.

KEY WORDS: Content and form, Female. Historical and dialectical materialism.

PALAVRAS INICIAIS

Na literatura, a personagem feminina exerceu por muito tempo um papel secundário, normalmente era relacionada com as atividades cotidianas, que forneciam a base para a sobrevivência da prole. As carências, os incômodos, a perturbação do ser feminino ficavam em segundo plano, cabia ao autor ressaltar um ser maternal e romântico, que em suma, aflorava a condição subalterna conferida à mulher na sociedade.

No entanto, o fazer feminino não sucumbiu à opressão do sistema, ao de ser coadjuvante, mas buscou mostrar sua existência nas mais variadas esferas, dentre elas as artes, e é isso o que Clarice Lispector apresenta em suas obras, a mulher como um ser aparentemente frágil, ou ainda, inerte ao que ocorre a sua volta, que ao transformar-se, como uma fênix, passa de um estágio de obscuridade para outro de total liberdade de visão da realidade. Portanto, tendo a figura feminina como estrela principal de suas histórias, Lispector busca nas profundezas do pensamento feminino a resposta para suas ações como sujeito social. Para compreender a imensidão dos fatores que regem o conteúdo explorado pela escritora, faz-se necessário o uso de formas que façam com que o leitor construa interação com as mensagens introspectivas de Lispector.

Assim, unir a análise do feminino em uma obra de Lispector, com a importância do trabalho docente junto a conteúdo e forma, torna-se um desafio às autoras, e ao mesmo tempo, uma necessidade ao leitor, para que tenha a compreensão da totalidade de conhecimentos que envolve a temática. Para isso, o artigo apresenta as considerações de autores do materialismo histórico-dialético sobre o conceito de “conteúdo e forma”, de modo a caracterizar o tema. Em seguida, busca, mediante resgate histórico, o papel da mulher na literatura, de maneira a caracterizar a realidade vivenciada pela mulher como sujeito social; e, por último, finaliza com a análise histórico e social da personagem principal do conto “A menor mulher do mundo” de Clarice Lispector.

CONTEÚDO E FORMA NO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO

[...] a história é como o veículo de todo *signo* produzido, funcionando como a transportadora de *signos* ditos ao encontro de *signos* ainda não ditos. A cada novo acontecimento, a cada nova produção *ideológica* a *história* se recompõe, reescreve-se, atualiza-se. (GEGE, 2013, p. 56).

A história pode ser considerada como motor propulsor das transformações sociais do homem. Ela apresenta as diferentes fases nas quais o trabalho possibilitou a ascensão do homem em relação a outros animais. Para entender esse processo, o materialismo histórico e dialético considera o trabalho a chave mestra do desenvolvimento humano. Com o trabalho, o homem transforma a natureza de acordo com as suas necessidades, mas ao fazê-lo também se transforma, assim, o homem está em constante transformação, o que resulta no desenvolvimento do pensamento humano. Nota-se que essa dinamicidade se reflete no trabalho gerando diferentes formas de realizá-lo e fazendo surgir modos de produção diferenciados, tais como o capitalismo. O surgimento e a ascensão do capitalismo são momentos históricos que nos permitem observar as transformações do trabalho humano, nas quais o homem passa de conhecedor do processo integral de pro-

dução do objeto, no feudalismo, para mero reproduzidor de fragmentos do fazer, alienando-se, dessa forma, no capitalismo.

O trabalho educativo não está isento das interferências da história e da alienação do fazer docente, aliás, constitui-se como alicerce para a luta de classes e a transformação da realidade e formação do sujeito crítico (MARX, 2011; GRAMSCI, 1979; MÉSZÁROS, 2007; SAVIANI, 2011). Para que a instituição escolar, mais especificamente o educador, oportunize a formação humana é preciso o trabalho com os conceitos de conteúdo e forma, de maneira que os docentes possam abdicar do papel de transmissores do saber, para o de mediadores do conhecimento. A função de mediador transcende o ensino metódico e reprodutivo, ele leva o estudante a ascender continuamente o conhecimento, pois permite ao aluno partir de um patamar de conhecimentos e chegar a outro pela síntese, alcançando maior entendimento, e por conseguinte, o fará sucessivamente em sua vida, ganhando autonomia na condição de ser social, pois passa a compreender a dinâmica do conhecimento, que é histórico e social, ou seja, modifica-se de acordo com as necessidades da sociedade em determinado momento histórico (VIGOTSKI, 2010; MARTINS, 2011).

Assim como o conhecimento, o conteúdo e a forma também não são estanques. Eles inter-relacionam-se na constituição do objeto, fato ou fenômeno. Pode-se considerar que o conteúdo é distinto do significado de essência, pois a essência é inerte, estável, no entanto, o conteúdo é dinâmico, mutável. Pode-se considerar que o conteúdo é formado pelo principal e por uma estrutura, não fragmentada, mas em constante interação com o principal, sendo as partes: o principal - o elemento fundamental, e a forma - a estrutura, a ponte estabelecida para o entendimento do conteúdo. Portanto, essas partes são indissociáveis para a compreensão do objeto, entretanto sofrem a dinâmica da transformação que ora se manifesta em uma ou em outra parte. Assim sendo, define-se como especificidade para o conteúdo a capacidade de “refletir o conjunto dos processos próprios à coisa”, e da forma, o “refletir o laço entre os elementos”, ou seja o conteúdo seria o conhecimento em si, e a forma, a maneira como transformá-lo em conhecimento para si (CHEPTULIN, 2004, p. 254) – processo fundamental na ação educativa desenvolvente que leve cada sujeito a adquirir para si as qualidades humanas.

Na visão de Lefebvre (1991), o movimento do pensamento a princípio é abstrato e indetermina o conteúdo, considerando-o como o nada, pois ainda não está configurado em suas concepções que buscam na tentativa de compreensão da totalidade estabelecer um conteúdo e uma forma ao objeto, fato ou fenômeno. Na contradição do ser em relação ao nada abstrato, que não foi estabelecido no pensamento, está a necessidade de um conteúdo, da materialidade, introduzindo o novo, o desconhecido. Na análise do novo ao pensamento, o conteúdo adquire aspectos, qualidades, quantidade em um processo que envolve as contradições presentes e dão movimento ao conhecimento do ser, o sujeito constitui o novo. Assim, a contradição não exclui o desconhecido, mas o incorpora, no qual cada

termo contraditório “[...] é aquilo que nega o outro; e isso faz parte dele mesmo [...]” fornecendo ao sujeito a realidade concreta e determinando o conteúdo e a forma do objeto, fato ou fenômeno (LEFEBVRE, 1991, p. 178).

A compreensão do objeto, fato e ou fenômeno pelo sujeito consiste no trabalho com o conteúdo e com a forma, e assim, no desvelar dessa dicotomia, ou ainda, na contradição estabelecida para o entendimento do novo. Portanto, o trabalho desvinculado, do conteúdo e da forma, impossibilita o pensamento, e consequentemente o conhecimento.

Ao compreender o mecanismo que une conteúdo e forma, podemos relacionar o processo de transformação e conhecimento do signo na linguagem. O signo constitui-se em uma parte material que é o significante e uma parte abstrata que é o significado (BAKHTIN, 1988), no entanto, as partes são indissociáveis para a constituição da palavra, do signo. Para compreender a palavra em sua totalidade se faz necessária a junção entre o significado e o significante, que sofrem a influência histórico e social, pois modificam-se historicamente como se pode observar, por exemplo, no uso da palavra “senhora” no Brasil: à época da escravidão representava um status social, mulher de dono de escravos, patroa com muitas terras, e em sua maioria eram senhoras as mulheres brancas. Com o decorrer dos anos, a palavra passou a representar respeito pelas mulheres casadas, donas de casa. Atualmente, a palavra “senhora” é pouco utilizada por estabelecer na mulher uma denotação de velha.

Desde este ponto de vista, vejamos os signos em Clarice Lispector.

CLARICE E AS MULHERES DO MUNDO

A representação honesta da perspectiva feminina na literatura, ainda que com algumas exceções, é fato muito recente, especialmente na história literária do Brasil. Como afirma Schmidt (1995, p. 183), durante muito tempo ocorreu em nossa literatura uma verdadeira “negação da legitimidade cultural da mulher como sujeito do discurso exercendo funções de significação e representação”, isso tanto no âmbito da autoria quanto no âmbito da caracterização da mulher como personagem ficcional. Essa configuração se deu especialmente pela dificuldade das mulheres em penetrar em um universo marcadamente masculino, no qual a crítica especializada insistiu duramente em uma ideia de inferioridade da mulher e sempre “[...] se recusou a ouvi-la quando ela não falou (e escreveu) do ponto de vista do universal, isto é, do ponto de vista masculino.” (SCHMIDT, 1995, p. 185). Deste modo, a perspectiva feminina não conseguia se inserir na literatura e, quando o fazia, era sumariamente descartada dos registros históricos. Ainda segundo a autora, essa visão prevaleceu até a década de 70, quando apenas três escritoras haviam vencido a barreira sexista na literatura brasileira: Raquel de Queiroz, Cecília Meireles e Clarice Lispector. Muito à frente de seu tempo, essas

escritoras superaram um contexto histórico altamente desfavorável e prepararam terreno para que, também com o desenvolvimento do movimento feminista, outras escritoras e críticas literárias pudessem se estabelecer no cenário nacional.

Percebe-se, assim, que seria um trabalho inglório tentar situar Clarice Lispector em acordo com as visões de feminino do seu tempo ou mesmo com os questionamentos do movimento feminista que se desenvolveu em sua época. Como a escritora e pensadora de vanguarda que era, Clarice problematizou a questão da mulher na sociedade de um modo que só viria a se popularizar por volta da década de 90, com a terceira onda do movimento feminista. Com a conquista de direitos básicos como o sufrágio, sedimentados nas décadas de 40 e 50, as mulheres passaram a buscar cada vez maior espaço político e cultural, denunciando a opressão masculina em diversos aspectos da vida social. Ocorre, no entanto, que essa luta se resumia a uma visão branca e de classe-média do que era ser mulher. Somente muitos anos depois da morte de Clarice, ocorrida em 1977, é que se disseminaria o ideal de um movimento feminista plural e mais autocrítico. “A menor mulher do mundo”, publicado pela primeira vez em 1960, em *Laços de família*, é, assim, um conto que trata do feminino a partir de uma posição que denuncia tanto a opressão sofrida pelas mulheres em uma sociedade patriarcal, quanto a reprodução exercida por essas mesmas mulheres de ideais que diminuem e inferiorizam sua própria condição de mulher, bem como outras que seriam menos mulheres ou menos humanas que elas.

O conto, que trata da expedição de um explorador francês a uma longínqua tribo de pigmeus no Congo, descreve o insólito encontro do homem branco civilizado com a menor mulher do mundo, negra, selvagem, grávida. Uma foto é então tirada do pequeno ser que o homem, Marcel Pretre, apelidara de Pequena Flor por sentir “necessidade imediata de ordem, e de dar nome ao que existe.” (LISPECTOR, 1990, p. 88). Essa foto é publicada em tamanho real em um jornal de domingo e o narrador interrompe a descrição da interação entre Pretre e Pequena Flor para apresentar as diferentes reações de leitores, com grande destaque para a experiência feminina, ao se deparar com a imagem da pequena pigmeia. Mantendo esse jogo com o foco narrativo que tem claras intenções comparativas, o contato entre descobridor e descoberta é ainda retomado e o conto se encerra, enfim, com um retorno a uma personagem urbana.

Dos aspectos temáticos da obra, o primeiro a chamar atenção é o mito do homem branco conquistador que se manifesta na figura do explorador Marcel Pretre. A palavra “explorador”, aliás, como observa Peixoto (1994), pode ser entendida a partir de dois sentidos: aquele que pesquisa e estuda algo novo ou aquele que se beneficia às custas de outros. Claramente, não é por acaso que Clarice estabelece o confronto entre uma personagem masculina travestida de toda a autoridade que uma sociedade falocêntrica lhe confere e uma personagem feminina despida de qualquer conhecimento sobre o funcionamento do mundo dito civilizado. Marcel Pretre representa o senso de superioridade masculina e

inferioridade feminina tão forte à época em que o conto fora escrito e ainda muito presente em nossa sociedade. O modo como o explorador vê a pigmeia, como uma criatura misteriosa e simplória a ser domada, com direito a nomeá-la a partir de convicções próprias, é o mesmo modo pelo qual a estrutura patriarcal enxergou as mulheres ao curso de todo o seu domínio na sociedade.

Acontece, porém, que essa noção é já subvertida no momento em que Pequena Flor coça-se “onde uma pessoa não se coça” (LISPECTOR, 1990, p. 89). Além do indicativo de ausência de civilidade, o ato da pigmeia é, também, uma afronta a uma visão de mundo que nega à mulher o direito ao gozo e ao desejo sexual, predominante no Brasil da década de 60. Mais ainda, se “hoje é permitido às mulheres que escolham se querem, ou não, se casar, ter filhos, ter um parceiro fixo, ou zapear por diversos parceiros” (PATRASSO; GRANT, 2007, p. 140), as opções das mulheres da época eram muito mais limitadas e giravam em torno de uma lógica do sacrifício e não da realização pessoal. Pequena Flor, dessa maneira, representa uma mulher livre das amarras sociais que reprimem seus desejos e lhes relega a uma humanidade secundária, inferior, como veremos na inevitável comparação entre a selvagem e as mulheres urbanas, civilizadas, que se deparam com sua fotografia no jornal. A foto de Pequena Flor desperta nessas mulheres seus desejos mais íntimos, mas também seus temores esquecidos, expõe as máscaras que elas tiveram de assumir para se adequar à sociedade em que vivem.

Tanto o é dessa maneira que a primeira mulher a ser apresentada, de forma muito breve, sente-se aflita ao ver a imagem da pigmeia e se recusa a olhar mais atentamente, possivelmente por ver ali algo de si mesma que ela não tenciona aceitar. Em outra casa, um menino “esperto”, como coloca o narrador, deseja tomar Pequena Flor como um brinquedo. A atitude aparentemente inocente denuncia um grande problema que perdura até hoje em nossa sociedade: a objetificação da mulher. Como afirmam Lourenço, Artemenko & Bragaglia (2014, p. 4), a objetificação “pode tornar o corpo feminino suscetível a desrespeito por parte de alguém, sem que isso pareça errado.” O menino não vê mal algum em tratar como brinquedo aquela criatura da fotografia porque, intuitivamente levado por sua construção social, ele já a considera inferior a si, assim como muitos homens adultos que violentam e abusam de mulheres assumem como justificativa para seus atos a ideia de que esse comportamento faz parte de sua natureza. Clarice evidencia que é na infância que esse pensamento se estabelece na identidade masculina.

A mãe se assusta com a propensão do filho a esse “amor” violento, mas se assusta ainda mais com a ideia de que isso tenha sido herdado dela mesma. Ao invés de educá-lo para que não trate assim outro ser humano, no entanto, ela pensa em comprar-lhe um novo terno, em mantê-lo sempre limpo, em ocultar com toda a civilidade possível os sentimentos mais obscuros de seu rebento, assim como os fazia com os próprios:

Então, olhando para o espelho do banheiro, a mãe sorriu intencionalmente fina e polida, colocando entre aquele seu rosto de linhas abstratas e a cara crua da Pequena Flor, a distância insuperável de milênios. Mas, com anos de prática, sabia que este seria um domingo em que teria de disfarçar de si mesma a ansiedade, o sonho, e milênios perdidos. (LISPECTOR, 1990, p. 92).

A mulher branca, urbana, de classe média se recusa a se identificar com uma mulher negra, pobre e rural, mesmo que tenha de se sacrificar para isso, mesmo que a identificação pudesse ser o passo necessário para superar a própria alienação. Esse sentimento se revela também em outra passagem, quando uma moça, piedosamente, mostra o retrato de Pequena Flor para a mãe, afirmando que ela é “tristinha”. A mãe, por sua vez, “[...] dura e derrotada e orgulhosa”, responde que é “tristeza de bicho, não é tristeza humana.” (LISPECTOR, 1990, p. 90). A desumanização de Pequena Flor é uma maneira de justificar a superioridade com que essa mãe se coloca em relação a ela, do mesmo modo que a objetificação da mulher justifica a superioridade do homem. A mulher, assim, acaba por reproduzir e fortalecer os mesmos mecanismos que conduzem sua própria opressão. Isso ocorre, também, em outra passagem, quando uma mulher, ao ver a fotografia, cobiça Pequena Flor para trabalhar como serviçal em sua casa. É um desejo de posse, a posse de uma “coisa rara”, como ela mesma afirma, mas não mais que uma coisa, algo inferior, inumano.

E em se falando de opressão, lembramos mais uma vez da repressão sofrida pela mulher em relação a seu desejo sexual com o trecho em que uma senhora sente “[...] perversa ternura pela pequenez da mulher africana.” (LISPECTOR, 1990, p. 90). De acordo com Mcavey (1998), essa passagem sugere um desejo homossexual sobre o qual o próprio narrador faz comentários homofóbicos, posto que, àquela época e ainda hoje em setores conservadores e fundamentalistas de nossa sociedade, a homossexualidade era considerada uma perversão. Ainda segundo a autora, esse tom homofóbico se dissipa antes do fim da passagem, quando o narrador retrata essa mulher como uma pessoa oprimida, solitária e perturbada por um desejo que esconde até de si mesma face a uma sociedade que o condena.

Há, ainda, três momentos do conto que abordam o amor egoísta. Um deles retrata uma menininha de cinco anos de idade que se choca, frente à imagem de Pequena Flor, com a realização de que não é mais o menor ser humano do mundo, condição essa que lhe garantia os maiores carinhos da família. Os outros dois momentos utilizam a ideia do amor egoísta para derrubar um grande mito que cerca o universo feminino: o mito da boa mãe, do amor maternal incondicional, inerente à mulher. Logo no início da história, o narrador afirma didaticamente, sem qualquer emoção, que os *likoualas*, tribo de Pequena Flor, não cuidam de um filho como a civilização ocidental o faz, “a liberdade lhe é dada quase que imediatamente” (LISPECTOR, 1990, p. 88) após o nascimento. Esse

distanciamento, ou indiferença, é chocante para uma cultura que crê no amor incondicional – e inevitável – de uma mãe pelo filho. Clarice questiona uma ideia que só na atualidade começa a ser discutida e que leva muitas mães a sentir-se más e cruéis por não conseguirem gerar um sentimento sobre o qual elas não têm o menor controle. Já durante a cena da mãe cujo filho gostaria de “brincar” com Pequena Flor, ela rememora uma história que lhe fora contada por uma cozinheira, do tempo em que esta última esteve em um orfanato. Uma das meninas faleceu, mas o cadáver fora escondido da freira a fim de que as outras meninas pudessem, na ausência de bonecas, brincar com o corpo. E é justamente isso que elas fazem, tratando a menina como uma filha, a qual elas banham, alimentam, castigam e consolam. É uma clara crítica à cultura maternal imposta às mulheres desde a infância, “a cruel necessidade de amar” (LISPECTOR, 1990, p. 91) e, mais ainda, de amar um filho.

Finalmente, retornando ao encontro entre Pretre e Pequena Flor, o explorador é surpreendido por um riso quente da menor mulher do mundo, um riso que causa desconforto no homem por acreditar que ela esteja rindo dele. Entretanto, revela o narrador onisciente de Clarice, Pequena Flor ria porque estava viva, por não ter sido devorada pela tribo dos bantos que caça e come os seus, ria porque “[n]ão ser devorado é o sentimento mais perfeito. Não ser devorado é o objetivo secreto de uma vida” (LISPECTOR, 1990, p. 94). Metaforicamente, a pequena mulher goza de sua liberdade, de seu não condicionamento a uma postura dolorosamente civilizada tal qual as personagens urbanas que lhe são postas em contraste. E é por isso que, quando Marcel Pretre lhe pergunta se é bom ter sua própria árvore para morar, a pigmeia responde que sim e o narrador denuncia seu sentimento de que “é bom possuir”. “O amor, como Pequena Flor o conhece, é a combinação de satisfação sensual, do alívio de estar segura, ainda que temporariamente, da ameaça dos bantos, e do conforto e autonomia de possuir um lar-árvore (teto?) todo seu” (WILLIAMS, 1998, p. 179)⁷. Pequena Flor goza, na realidade, do grande prazer negado a tantas mulheres de ter autonomia, de ter independência, de possuir a si mesma.

LISPECTOR, BISHOP E A PERDA DE SIGNIFICADO

Nota-se na tradução de Elizabeth Bishop para o conto “A menor mulher do mundo”, originalmente publicada na revista *The Kenyon Review*, em 1964, uma busca por representar com fidelidade as ideias de Clarice Lispector e, principalmente, manter o ritmo e a fluidez da narrativa. Algumas nuances do texto, no entanto, são sacrificadas seja pela falta de correspondência entre os significados das palavras em português e inglês, seja justamente por abandonar tra-

⁷ Love, as Pequena Flor experiences it, is a combination of sensual satisfaction, the relief of being safe, if temporarily, from the threat of the bantus, and the comfort and autonomy of possessing a three-house (room?) of her own.

ços característicos da escrita de Lispector em prol do fluxo da linguagem, o que nos permite relacionar que o conteúdo expresso no texto literário pode não ser o mesmo quando há a mudança da forma, ou seja, da escrita do texto em língua inglesa. Vejamos.

Uma questão que logo de início salta aos olhos e que já foi abordada nesse trabalho, de acordo com o que pontua Peixoto (1994), é o duplo significado, em português, da palavra “explorador”. Enquanto em nossa língua podemos utilizar a mesma palavra para tratar de um indivíduo que se aventura na busca por inovações e descobertas, bem como de um indivíduo que obtém vantagens sobre outro alguém, a língua inglesa não permite essa mesma compreensão. Em inglês, temos uma palavra para cada significado, sendo utilizada para o primeiro o termo *explorer* e para o segundo o termo *exploiter*. Considerando que, no conto, a ideia de exploração humana se mantém subentendida e que não seria plausível a perda do sentido literal assumido pela palavra “explorador” no texto, não haveria outro caminho para a tradução senão aquele tomado por Bishop. Isso não significa que se torne impossível a leitura de Marcel Pretre como um *exploiter* – a narrativa indica esse sentido em diversos momentos –, mas é inegável que uma parte importante da força dessa leitura se perde com a ausência do significado.

Caso mais complicado, com perda de sentido não explicitamente recuperada pela narrativa, se dá ainda no primeiro parágrafo da história onde, em português, se lê: “menor povo ainda existia além de florestas e distâncias.” (LISPECTOR, 1990, p. 87). Na tradução de Bishop temos o seguinte: “*a still smaller people existed, beyond forests and distances.*” (LISPECTOR, 1964, p. 501). Enquanto a palavra “ainda” pode ser lida tanto pelo viés da gradação quanto pelo viés da permanência, a palavra *still* carrega somente a primeira acepção. Não é um caso, como com *explorer*, de ausência de significado, posto que a palavra *still* possui, em inglês, os mesmos significados que a palavra “ainda” em português. Ocorre, no entanto, que o modo como a frase foi escrita em inglês impede um segundo significado. Se tomarmos em consideração que Clarice poderia ter escrito a sentença de diversas maneiras, incluindo “ainda menor povo” ou “povo ainda menor”, que dariam um único sentido à frase, não seria leviano assumir que a escolha da autora foi cuidadosamente deliberada. Justamente por tratar da exploração realizada pelo homem branco – e, como se sabe, essa exploração levou à destruição de inúmeras culturas e à extinção de muitos povos ao longo da História –, o sentido de permanência reverbera profundamente no texto. Os *likoualas* permaneciam ainda porque permaneciam intocados, porque permaneciam livres da devastação que caminha junto ao explorador.

Mais uma questão de transformação do significado encontramos com a tradução da palavra “inconfortável” no trecho que trata das digressões da mãe cujo filho gostaria de ter Pequena Flor como seu brinquedo: “Assim olhou ela, com muita atenção e um *orgulho inconfortável*, aquele menino que já estava sem os dois dentes da frente, a evolução, a evolução se fazendo, dente caindo para

nascer o que melhor morde.” (LISPECTOR, 1990, p. 91, grifo nosso). De acordo com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, a palavra “inconfortável” significa “não confortável” e remete àquilo “que não se pode confortar; inconsolável”, mas também àquilo “que não proporciona comodidade, conforto físico, bem-estar”, que é “desconfortável” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1066). Visto que a palavra “desconfortável” é mais corrente na língua portuguesa e sinônimo daquela empregada por Clarice, fica evidente que esse termo atua no texto com uma função específica que seu sinônimo não poderia desempenhar. Enquanto a palavra “desconfortável” remete somente àquilo que não possui conforto ou que é/causa incômodo, a palavra “inconfortável” nos remete àquilo que não pode ser confortado, que é impossível de confortar.

Um adjetivo como esse, claramente, não se aplica ao sentimento de orgulho, seja ele de simples satisfação ou de arrogância; não se conforta orgulho. Mas essa ligação de palavras aparentemente contraditórias é um artifício típico da literatura de Clarice Lispector e visa, justamente, gerar um desconforto no leitor e aludir a uma sensação que é difícil nomear, mas que o leitor compreende bem. Clarice atribui ao orgulho um significado doloroso, difícil de suportar, como a percepção da aptidão para a violência que os dentes afiados de um filho provocam. É desconfortável manter-se orgulhosa diante disso e é também inconfortável esse desconforto posto que – a autora ironiza nas entrelinhas – é impossível não sentir orgulho de um filho. Deste modo, notamos que a tradução de Elizabeth Bishop, que traz a expressão “*uncomfortable pride*” (LISPECTOR, 1964, p. 504), captura somente um espectro do que buscava dizer Clarice, a ideia de desconforto. Em inglês, a noção de “algo que não pode ser confortado” seria melhor representada pela palavra *inconsolable*, inconsolável, mas seria perdido, assim, o sentido de desconforto.

Há ainda na tradução outros termos que geram similares diferenças de significado, no entanto, tendo em vista que mencionamos um traço estilístico de Lispector, passaremos à análise de dois outros aspectos típicos da escrita da autora que foram – e dessa vez, possivelmente, por escolhas puramente estéticas – modificados por Bishop. Um deles é a repetição, quase que imediata, de frases e palavras. Essa repetição, que se nota em inúmeros trabalhos de Lispector e que Barbosa & Moraes (2007, p. 83) consideram uma tentativa de “tirar o máximo de significância da palavra até o seu esvaziamento, podendo provocar assim, paradoxalmente, a geração de novos significados”, está muito presente na versão original de “A menor mulher do mundo”. Já na tradução, embora muitas repetições sejam mantidas, algumas delas foram “polidas” pela tradutora.

Vejamos um trecho em que Clarice se utiliza do recurso: “Enquanto isso, na África, a própria coisa rara tinha no coração – quem sabe se negro também, pois numa Natureza que errou uma vez já não se pode mais confiar –, enquanto isso a própria coisa rara tinha no coração algo mais raro ainda” (LISPECTOR, 1990, p. 93). A tradução de Bishop traz da seguinte forma: “*In the meanwhile, in*

Africa, the rare thing herself, in her heart – and who knows if the heart wasn't black, too, since once nature erred she can no longer be trusted – the rare thing herself had something even rarer in her heart” (LISPECTOR, 1964, p. 505). Percebe-se que há uma repetição, mas que funciona somente como retomada do pensamento após a digressão do narrador, muito diferente da repetição “desnecessária” que encontramos no original. E é justamente essa suposta ausência de função que proporciona o esvaziamento de sentido e geração de novos significados de que falam Barbosa & Moraes (2007). Pelo fato de a repetição da frase “enquanto isso” não exercer um papel objetivo na comunicação da ação, ela – e tudo o que a ela se segue – adquire um significado subjetivo, levando o leitor a repensar suas impressões e convicções tomadas antes da observação irônica e intrusiva realizada pelo narrador dentro dos travessões.

E falando em travessões, chegamos ao segundo aspecto estilístico de Lispector a ser modificado por Bishop: a pontuação. Em todos os contos que compõem *Laços de família*, possivelmente por se tratar de uma literatura altamente introspectiva, nota-se uma tendência a uma clara distinção entre os usos de travessões e aspas no que tange à demarcação de atos de enunciação das personagens. Travessões são utilizados, geralmente, para indicar alguma interação verbal direta entre as personagens. Já as aspas são reservadas para memórias, pensamentos, sentimentos e sensações, para aquilo que não se pretende objetivo, mas que é fruto da perspectiva individual de cada um sobre a realidade. Na tradução de Bishop, por sua vez, aspas são utilizadas indistintamente para qualquer uma dessas situações. Devido a isso, a distinção entre objetivo/subjetivo embarça-se e perde-se alguns matizes acerca da vida interior das personagens, tão fundamental no universo literário de Clarice Lispector.

Naturalmente, embora tenhamos mantido enfoque especificamente em questões de perda de sentido entre original e tradução, isso não significa que a tradução de Bishop não possua pontos fortes ou mesmo que o que chamamos de perda de sentido possua necessariamente um caráter negativo. Elizabeth Bishop obtém grande êxito, como dissemos anteriormente, em proporcionar ao leitor de língua inglesa uma linguagem fluida e agradável, bem como agrega ao texto uma visão própria ao fazer as escolhas que fez. A perda de alguns significados introduzidos por Clarice Lispector em seu texto não representa, de forma alguma, o extermínio da significação, mas a atribuição de novos significados que só poderão ser compreendidos a partir de um estudo da perspectiva literária da própria Elizabeth Bishop. Trata-se então de uma nova forma para o texto literário em análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho no qual o homem transforma o meio em que vive e ao realizá-lo transforma-se a si mesmo, contribui para a evolução de conceitos de objetos, fatos e ou fenômenos, da mesma maneira que dinamiza a forma, ou seja, o

processo e ou modo de trabalho para o entendimento dos conteúdos. Nesse movimento, do qual resulta o conhecimento, está o docente no papel de mediador.

No caso da linguagem, mais especificamente, da literatura, as obras literárias se tornam meio pelo qual o autor expressa com o uso das palavras suas intencionalidades, e ainda, o conteúdo histórico social vivenciado pela sociedade em momentos pontuais. O discurso do autor permeado de significados, muitas vezes é incompreensível ao interlocutor, pois quem recebe a informação necessita de um arcabouço cultural, além dos conhecimentos do contexto de produção, para interpretar a mensagem literária.

A forma, no caso, a tradução, analisada nesse artigo, traz considerações que servem de alerta ao docente no momento de eleger uma obra para leitura de seus alunos, pois pode levar o estudante a ter uma visão distorcida das intencionalidades da autora. Os cuidados com a escolha de obras traduzidas, também se transferem para a escolha de filmes, vídeos, curta-metragem, documentário, quadrinhos, resumo de obra, que muitas vezes, pouco contribuem com a veracidade “polissêmica” da leitura.

O entrelace entre conteúdo e forma, no caso do ensino, devem proporcionar a compreensão do estudante do saber que se tornará base para sua formação humana, por isso a necessidade da forma ser eclética, flexível e dinâmica, de refletir a influência do movimento histórico-social de construção do trabalho, do conhecimento. Dar oportunidades ao aluno de desenvolver-se como ser humano é contribuir para um sujeito capaz de transformar a sociedade em um mundo mais igualitário.

FORTE

LISPECTOR, C. A menor mulher do mundo. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. The smallest woman in the world. Trad. Elizabeth Bishop. *The Kenyon Review*, v. 26, n. 3, p. 500-506, 1964.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARBOSA, V. M. C.; MORAES, V. L. A. A linguagem de Clarice Lispector como desautomatização da vida. *Revista de letras*, v. 1, n. 29, p. 81-84, 2007.

CHEPTULIN, A. *A dialética materialista: categorias e leis da dialética*. 2 ed. Tradução Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 2004.

GEGE - Grupo de estudos de gêneros. *Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. Vol. IV. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S/A, 1979.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEFEBVRE, H. *Lógica Formal Lógica Dialética*. 5. Ed. Tradução Carlos Nelson Coutinho Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1991.

LOURENÇO, A. S.; ARTEMENKO, N. P.; BRAGAGLIA, A. P. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. In: *Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste Intercom Sudeste*. São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2014.

MARTINS, L. M. UNESP. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica*. 2011. 249 f. (Tese de Livre Docência), Bauru, 2011.

MARTINS, P. L. O. ROMANOWSKI, J. P. A aula: distribuição ou sistematização coletiva do conhecimento? In: *Anais do XIV ENDIPE*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. *Textos sobre educação e ensino*. São Paulo: Unicamp, 2011.

MCAVEY, M. Gender and existentialism in Elizabeth Bishop’s translation of “The smallest woman in the world”. Worcester, 1998. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/273257506_Gender_and_Existentialism_in_Elizabeth_Bishop’s_Translation_of_The_Smallest_Woman_in_the_World> Acesso em: 27 maio 2017.

MÉSZÁROS, I. A educação para além do capital. In: _____. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. Tradução Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.

PATRASSO, R.; GRANT, W. H. The feminine, the literature and sexuality. *Psicologia clínica*, v. 19, n. 2, p. 133-151, 2007.

PEIXOTO, M. *Passionate fictions: gender, narrative, and violence in Clarice Lispector*. U of Minnesota Press, 1994.

SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 11 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SCHMIDT, R. T. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In.: USTRA, C. A. B. *Rompendo o silêncio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 182-189, 1995.

VIGOTSKI, L. S. *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WILLIAMS, C. More than meets the eye, or a tree house of her own: a new look at a short story by Clarice Lispector. *Portuguese Studies*, v. 14, p. 170-180, 1998.

Submetido em: 01/06/2018

Aprovado em: 30/07/2018